
Julia Kristeva, leitora audaciosa de Bakhtin*

Pampa Olga Aránⁱ

Tradução de Nathan Bastos de Souzaⁱⁱ

Resumo: Nos anos 1960, a leitura de Kristeva permitiu não só a introdução de Bakhtin no Ocidente, mas uma apropriação produtiva que deve ser vista como ponto de articulação de novas e aceleradas configurações do pensamento europeu da segunda metade do século XX. O objetivo deste trabalho é entender por que Kristeva recupera Bakhtin como texto fundador de um projeto semiótico e de que modo se produz um desenho de um novo objeto de estudo para a literatura. Primeiramente, tratamos de um prólogo que escreveu à tradução francesa *La poétique de Dostoïevski*, em que critica o formalismo russo e, por extensão, as formas radicalizadas do estruturalismo literário de seu tempo. Em um segundo momento, é analisado um ensaio kristeviano sobre o romance, no qual a leitura de Bakhtin se expressa claramente como a base para fundar um projeto semiótico, sua proposta de semanálise.

Palavras-chave: Kristeva; semanálise; migrações do pensamento bakhtiniano.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2023.204039>. Publicado originalmente com o título: "Cómo Kristeva escuchó a Bajtín" (FREIRE, 2009). Reeditado sob o título: "Julia Kristeva, audaz lectora de Bajtín" (ARÁN, 2016).

ⁱ Professora e pesquisadora na Universidad Nacional de Córdoba (UNC), Córdoba, Argentina. Atualmente cumpre atividades em programas e projetos do Centro de Estudios Avanzados da Facultad de Ciencias Sociales (FCS-UNC). E-mail: aranpampa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4109-6072>.

ⁱⁱ Pesquisador em estágio pós-doutoral junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Catalão, GO, Brasil, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), processo número 88887.759778/2022-00. E-mail: nathanbastos600@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1560-2867>.

Introdução

Entre as variadas migrações do pensamento de Mikhail Bakhtin, uma das mais interessantes e produtivas foi aquela que se origina a partir da leitura de Julia Kristeva, que permitiu a introdução do teórico russo na Europa Central e, mais particularmente, na França, no final da década de 1960.

O termo migração é utilizado aqui não apenas no sentido literal como também em analogia com alguns conceitos deleuzianos que permitem observar a apropriação de Bakhtin na tensão de um duplo movimento, do pensamento que se torna nômade e, portanto, passível de migração e transumância, mas, ao mesmo tempo, a possibilidade de sua apropriação para fixar um novo território de domínio. Movimento dinâmico da teoria que a faz deslocar-se e metamorfosear-se para além de seus limites no sentido literal e figurado. E, ao mesmo tempo, descobrir que esse mecanismo opera também na apropriação em novas máquinas de representação que tendem a projetar o sentido em um novo território, isto é, em uma nova zona de significados situados em relação com outras micropolíticas do campo dos discursos sociais. E a pergunta que faço neste trabalho é: por que Kristeva recupera Bakhtin como texto fundador e de que modo produz uma “gramática do reconhecimento” (VERÓN, 1998)¹ escutando essa palavra, de modo tal que lhe permita propor um novo objeto de estudo para a literatura?

1. O clima intelectual. Crítica ao formalismo

Não seria possível compreender o interesse que Bakhtin desperta em Kristeva sem recordar a efervescência militante que se vivia em Paris, durante o período anterior à eclosão dos protestos de maio de 1968: heterodoxia crítica do marxismo tradicional, consolidação do neoestruturalismo e pós-estruturalismo, psicanálise lacaniana, desconstrução derridiana, novos caminhos da semiologia, importância da figura do intelectual e do compromisso político. E, especialmente, uma grande preocupação pelo estudo da linguagem e da subjetividade, em que coincidem diferentes tendências em um mapa complexo.

É por essa época que Kristeva chega a Paris, onde ingressa na *École Pratique des Hautes Études* e participa ativamente nas revistas *Tel Quel*, *Critique*

¹ Cf. Verón, 1998. Verón estuda o processo da produção social de sentido (semiose ilimitada) e em seu desenho teórico existem redes intertextuais formadas por pacotes discursivos que respondem às condições de produção de um discurso (discurso de referência) e às suas condições de reconhecimento. Nesse caso, Julia Kristeva entenderia Bakhtin e seu Círculo como discurso fundacional, condição de produção de seu próprio discurso, dado que “a localização histórica de uma fundação [...] é um produto do processo de reconhecimento” (VERÓN, 1998, p. 30).

e *Langages*². Na busca de fundamentar seu projeto semiótico como *ciência das ideologias*, é a primeira em advertir que Bakhtin “tratava de superar os formalistas mediante uma teorização dinâmica realizada em uma sociedade revolucionária” (KRISTEVA, 1981a, p. 197)³, encontrando por isso certa simetria histórica com as condições que operavam em seu próprio discurso. Por isso, é interessante considerar com cuidado o prólogo que escreve para a tradução francesa de *La poétique de Dostoïevski* (1970) intitulado “Une poétique ruinée”⁴ e que, apesar de não ser o primeiro trabalho que Kristeva dedica a Bakhtin (já nos ocuparemos daquele que escrevera em 1967), é o que melhor define sua crítica ao movimento teórico russo de princípios do século XX e, por extensão, às formas radicalizadas do estruturalismo literário de seu tempo. Nesse prólogo, que é um breve ensaio na realidade, Kristeva dá conta da torção que estava sendo operada nos estudos literários com a recuperação do estruturalismo soviético (Lotman e Uspenski, em particular), na seleção elaborada por Remo Faccani e Umberto Eco (Bompiani, Milão, 1969)⁵, e de uma antologia de trabalhos dos formalistas russos (Seuil, *Tel Quel*, 1965) traduzida por Todorov.

A autora começa por sinalizar nos formalistas sua filiação à linguística estrutural derivada de Saussure que, embora direcionasse o estudo literário para a obra em si mesma rompendo a tradição do impressionismo e do historicismo da tradição francesa, recuperava uma perspectiva teórica consonante com a aspiração cientificista das ciências sociais e humanas. A preocupação formal por constituir uma *poética*, aspirando modelizar o texto literário, levaria finalmente essa corrente a ser um “discurso sem objeto” (KRISTEVA, 1985, p. 2), a-histórico, autossuficiente em sua própria lógica da significação. É, por isso, uma poética que falhou (daí o título do ensaio) ou, se preferirmos, uma poética em ruínas.

² Julia Kristeva, teórica da literatura e do feminismo, nascida em 1941, na Bulgária. Depois de estudar linguística na Universidade de Sofia, chega a Paris em 1966 para trabalhar no Instituto de Antropologia Social dirigido por Lévi-Strauss. Trava uma importante relação com Roland Barthes e Philippe Sollers e participa dos seminários de Lacan. Sua obra produz um cruzamento interessante entre antropologia, semiótica e psicanálise. Atualmente ensina Semiologia na State University de Nova Iorque e na Universidade Paris VII. Alguns livros: *La traversée des signes* (1975), *Pouvoirs de l'horreur* (1980), *Le langage cet inconnu* (1981b), *Histoires d'amour* (1983), *Au commencement était l'amour* (1988a), *Les Nouvelles Maladies de l'âme* (1993), *Soleil noir* (1989), *Etrangers à nous-mêmes* (1988b), *Les Samourais* (1990), *Le Temps sensible* (1994), *La Révolte intime* (1997), *Visions capitales* (1998) e *Le génie féminin* (1999).

³ KRISTEVA, Julia. La palabra, el diálogo y la novela. In: KRISTEVA, Julia. *Semiótica I*, Madrid: Fundamentos, 1981a, p. 187-226. Título original: Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman. *Critique*. Vol. 23, 1967, p. 438-465. Posteriormente reunido em *Séméiotikè. Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

⁴ KRISTEVA, Julia. Una poética malograda. Prólogo a *La poética de Dostoïevski*, de M. BAJTÍN. Cátedra Análisis y crítica II. Serie Traducciones Nº 1. Traducción del francés Gloria Marrocco y Analía Montes. Escuela de Letras, Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario, 1985. Edição em fac-símile. Devo à generosidade de Maria Inés Laboranti um exemplar dessa tradução. Título original: Une poétique ruinée, présentation a M. BAKHTINE, *La poétique de Dostoïevski*. Trad. Isabelle Kolitcheff. Paris: Éditions du Seuil, 1970, p. 5-27.

⁵ Sobre essa orientação, Kristeva sustenta que é uma semiologia “que persegue o sonho leibniziano de matematizar a semiose” (KRISTEVA, 1985, nota 14) no qual a cibernética é só um passo momentâneo do processo de transformação que se busca e se resgata como sistema modelizador secundário.

Recuperando uma posição crítica próxima àquela sustentada pelo grupo de Bakhtin⁶, Kristeva aponta de modo distintivo a sujeição do texto literário à linguística e, portanto, “a categorias de língua, jamais aquelas do discurso” (KRISTEVA, 1985, p. 3). Dessa maneira, diretamente associada à prática artística do futurismo e a uma literatura que, desde o simbolismo a Joyce, coloca o acento no mecanismo compositivo, na fabricação, na *techné*. O problema consistiu, pois, na passagem do estudo das formas compositivas à elaboração de uma poética formal, nem sequer lograda pelos esforços de Tynianov, Jakobson ou Eichenbaum, que não puderam atravessar “a opacidade do signo e sua representação” (KRISTEVA, 1985, p. 5) na e pela língua. A autora denuncia nessa corrente, ademais, uma contradição entre a vocação da cientificidade de perspectiva positivista e uma reprimida afinidade com a estética idealista de filiação kantiana, que acaba negando a especificidade do objeto material e a literatura como modo particular de significar no “espaço do sujeito, sua topologia [cronotopia, diríamos com Bakhtin], sua história, sua ideologia” (KRISTEVA, 1985, p. 4).

O que pode fazer Bakhtin e seu Círculo, então, se pergunta Kristeva, em uma época anterior à psicanálise⁷, à gramática gerativa e sob forte pressão dos enfoques provenientes do marxismo (ou melhor, adicionaríamos, da vulgata do realismo socialista)? Mas, como ler Bakhtin atravessando a couraça de sua terminologia fenomenológica, com restos não bem quistos de uma linguagem humanista cristã (*alma, consciência do herói*), para resgatar todo aquele magma precursor correspondente à problemática que enfrentava sua própria pesquisa? Esse é o empreendimento responsável que Kristeva realizou em um momento chave do redirecionamento dos estudos literários que, em variedade de formas e sem analisar matizes, reunimos atualmente com o nome de *pós-estruturalismo* (como crítica ao estruturalismo linguístico e à metafísica ocidental). Esse momento marca uma crise no pensamento da modernidade relacionada intelectualmente a mudanças e rupturas nos estudos das humanidades, os quais estavam centrados em concepções de linguagem alusivas às inflexões particulares dos estudos filosóficos conhecidos como *virada linguística*.

A posição de Kristeva deve ser vista, então, como ponto de articulação de uma multiplicação de novas e aceleradas configurações do pensamento europeu da segunda metade do século XX. Esse é o cenário no qual se aprofundarão as mudanças do fim do século em conjunto com as transformações do mapa geopolítico no começo dos anos 1990 – que ressoam com ceticismo como pós-modernidade, arte pós-histórico, fim das ideologias, relatividade de todas as

⁶ Cf. Voloshinov, 1992 [1929], p. 73-94. Ver o capítulo “Dos corrientes del pensamiento filosófico lingüístico”.

⁷ Por mais que Kristeva cite alguns ensaios atribuídos a Voloshinov, não parece haver conhecido *Freudismo: un bosquejo crítico* (1999 [1927]), um livro muito interessante em que o autor dedica uma dura crítica às primeiras obras de Freud.

certezas – longe daquele momento ainda utópico no qual Kristeva formulou seu programa de ação teórica e política com o nome de Semiótica como metaciência dialética, ciência crítica das ideologias (KRISTEVA, 1981a, p. 26). Nesse projeto, a linguagem poética segue ocupando o centro da cena como forma de resistência e, todavia, parece distante o momento em que a arte ingressa na lógica do mercado.

2. A fundação: o pós-formalismo bakhtiniano e a literatura

Sem dúvida, o acesso de Kristeva aos textos produzidos por Medviédev, Voloshinov⁸ e Bakhtin foi parcial e incompleto, embora Bakhtin continuasse vivo – estava recluso em um hospital em Moscou com a saúde muito deteriorada (morreu em 1975). Concluído o regime stalinista (Khrushchev assume o poder em 1953), restabelece-se, em alguma medida, o vínculo intelectual com o Ocidente, o que permite a Roman Jakobson, na época nos Estados Unidos, voltar a visitar a Rússia em 1956. Devido a suas conferências e um livro de Shklovsky sobre os debates sustentados na década de 1920, Bakhtin é *descoberto* pelos estudantes e, em 1963, reedita com modificações a obra de Dostoiévski com o título atual⁹. Mas é bom recordar também que a exegese da obra bakhtiniana segue ainda hoje ativa e é produto de controvérsias¹⁰, de modo que resulta notável a agudeza crítica que Kristeva demonstra no resgate da singularidade de um pensamento original e o interesse heurístico com que o reveste para seu projeto transformador no campo da teoria literária:

[...] Quando a modernidade traz à luz trabalhos anteriores importantes não é nem para identificar-se com seu modelo nem para tratá-los como objetos de museu, ao contrário o faz para extrair dessa disputa ideológica envelhecida de que estão rodeados esse núcleo que reúne as pesquisas mais avançadas de acordo com o presente e constitui um pesquisador ignorado que se ignora. [...] estamos persuadidos de que a melhor maneira de participar no movimento da pesquisa moderna é integrando nela a pesquisa estrangeira anterior naquilo que tenha *para dizer-nos* a respeito de

⁸ N.T. Manteve-se, para fins didáticos e de referência, o sobrenome do autor como grafados no original, segundo a edição em espanhol da obra, quando há citação direta. Como Bakhtin não é mencionado diretamente, usou-se no corpo do texto o sobrenome do autor conforme o padrão de transliteração usado em português. Dessa maneira, manteve-se as obras mencionadas indiretamente conforme o original na lista de referências.

⁹ A obra de 1929 tem como título *Problemas da obra de Dostoiévski* (Leningrado, Priboi), pois, na opinião de Kristeva, Bakhtin havia tomado cuidado ao utilizar o termo *poética*, identificado com o movimento formal.

¹⁰ Há pouco tempo foram resgatados os rascunhos de uma das primeiras obras de Bakhtin, correspondentes aos escritos da Filosofia Primeira, *Hacia una filosofía del acto ético* (1997 [1924]) que conhecemos em espanhol na tradução de Tatiana Bubnova (Barcelona, Anthropos; San Juan, Universidad de Puerto Rico). Cf. também ZAVALA, I. *Bajtín y sus apócrifos*. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1996. Nesse texto se discute mais sobre algumas obras publicadas com o nome de Voloshinov.

quais foram suas dificuldades ontem, as quais hoje são as nossas (KRISTEVA, 1985, p. 6-7, grifo da autora).

Nesse resgate crítico, Kristeva aponta que a superação da poética formal foi possível na medida em que, ainda utilizando uma linguagem sociologizante, Bakhtin e seu grupo historicizaram o estudo da significação e do sentido, tornando independente a teoria literária do domínio da linguística. O círculo bakhtiniano lutou contra o formalismo produzindo uma análise crítica do interior dessa mesma teoria para propor um estudo da linguagem em sua materialidade, não no sistema da língua, mas na comunicação, na prática significante. Ao fazê-lo encontraram um novo campo de estudo que Bakhtin denominou *metalinguística* (*translinguística*, sugere Kristeva), no bojo do qual se substitui a noção idealista de sujeito transcendental pelo sujeito histórico na relação concreta que mantém com seu discurso, isto é, com o processo da enunciação em um determinado tempo-espaco¹¹. O sujeito assim entendido se constitui *na* língua para produzir sentido que é, necessariamente, ideológico. Kristeva não menciona Voloshinov ainda quando está repetindo sua sonora afirmação: “A área da ideologia coincide com a dos signos [...] Onde há um signo há ideologia. *Tudo que é ideológico possui uma significação signica*” (VOLOSHINOV, 1992, p. 33, grifo do autor), assim como a petição de constituir uma ciência das ideologias da qual formaria parte a literatura.

A genial proposta bakhtiniana de inter cruzar uma estrutura significante particular em sua emergência histórica (o sincrônico e o diacrônico) – que simultaneamente carrega as marcas, a *memória* do coletivo falante – aparece como um achado teórico na noção de *gênero* (discursivo) e, em particular, nos estudos sobre o gênero romanesco. Por essa via, Bakhtin pode rastrear a tradição da menipeia e do carnaval em Dostoiévski e, com isso, demonstrar as obras literárias em seu modo particular de propor um modelo de mundo que encontra correlatos em conjuntos tipológicos atravessados pela linearidade histórica. Romances de épocas diferentes são vinculados a partir de uma perspectiva que atende aos *sistemas significantes* (monológicos e dialógicos) nos quais subjazem definitivamente práticas de escritura com matrizes ideológicas diferenciadas as quais “[...] *não refletem* as estruturas sociohistóricas [mas] uma *história própria* que atravessa os modos de produção” (KRISTEVA, 1985, p. 8, grifos da autora). A historicidade da literatura em Bakhtin, aponta Kristeva, está dada pela prática significante e não por um determinismo histórico.

Outra manifestação sensível da distância de Bakhtin com respeito ao formalismo provém de sua concepção de linguagem como realidade material que designa com o termo arcaizante *palavra* (*slovo*), implicando a unidade do léxico ou da frase e também conotando a noção de discurso como processo significante.

¹¹ Cf. Boria, 2006.

As categorias da língua e da poética se amalgamam em Bakhtin e transcendem quando descobre o sujeito que se realiza na linguagem, noção sem a qual é impossível estudar práticas discursivas complexas como a literária. Sujeito que é dialógico, porque sempre está inscrito nessa noção um interlocutor, e polifônico, porque nele se escutam outras instâncias discursivas. Por isso – e aqui Kristeva começa a tomar um desvio interpretativo importante –, o discurso não tem “sentido fixo”, não apresenta “sujeito fixo” e, tampouco, “destinatário unificado” (KRISTEVA, 1985, p. 10). Nesse sentido, Sarlo (1983) sustenta que Kristeva produziu um forte deslizamento de significados a respeito de suas fontes epistemológicas; assim, a noção de produção social marxiana é pensada semiologicamente e o modelo da semiose, da produção de significados, o espelho de toda a produção social. Do mesmo modo, afirma Sarlo (1983), o trabalho produtivo leva Kristeva à noção freudiana de trabalho do inconsciente que se projeta em todas as práticas sociais. “Por efeito do pansemiologismo, todas as práticas sociais (e não só a ideologia) são pensadas como discursos”¹² (SARLO, 1983, p. 81-82).

Uma hipótese insistente de Kristeva é que se escuta o psicologismo na metalinguagem bakhtiniana (sujeito-consciência-voz), ensurdecido e mutável sob o peso de uma tradição russa teológico-religiosa. Em minha opinião, ainda que essa metalinguagem seja um dado de que não se pode esquivar, acredito com Ponzio (1993) que ela esteja relacionada com tradição dos *filósofos do diálogo* (Levinas); penso, ademais, que responde à matriz bakhtiniana de uma antropologia filosófica e, talvez, a um humanismo revolucionário em cujo marco Bakhtin propõe seu grande projeto transdisciplinar tal como se lê na fundação epistemológica em síntese no ensaio “Hacia una metodología de las Ciencias Humanas” (1982, p. 381-396).

Para Kristeva, ao contrário, Bakhtin *pressentiu* Freud ao estabelecer uma tipologia de personagens dostoievskianos em contraponto constante, em um universo contraditório, plural e aberto. Nesse universo, a noção clássica de *pessoa* se dissolve em uma *voz pura*, em uma confrontação de discursos que Bakhtin não encontra no nível do significante (como Freud e Lacan ensinaram), mas no nível dos significados, que genialmente denominou *lógica do sonho* na qual emerge o onírico, o sexual, o fantástico desses mundos subjetivos. Sem dúvida, e nisso coincido com Kristeva, Bakhtin se situa na luta que abre a modernidade para pensar as noções de sujeito e identidade, construída como posição discursiva intersubjetiva e que a literatura explora artisticamente em Dostoiévski ou em Mallarmé, seu contemporâneo: “De tal maneira [Bakhtin] se transforma em uma figura precursora de uma semiótica moderna atenta à psicanálise e propondo uma tipologia dos sistemas significantes” (KRISTEVA, 1985, p. 12) que apontam a uma lógica específica. Por isso, em sua proposta, pode ser abordada

¹² Pode ser consultado, com proveito, todo o capítulo II dessa obra.

a literatura contemporânea ou ler Dostoiévski (entre outras inúmeras leituras) como uma *virada copernicana* quando relacionado com Tolstói e não como sucessor. É interessante a observação de Kristeva de que a teoria e metodologia bakhtiniana aparecem de alguma maneira programadas pela própria obra de Dostoiévski, porque eu também senti essa estranheza; mas pode-se pensar o mesmo sobre Pushkin na obra de Lotman ou Proust em Genette quando obras extraordinárias, estudadas intensa e amorosamente no curso de uma vida, ajudam a modelar o corpo de uma teoria.

Entretanto, Kristeva dará um passo definitivo a mais ao interpretar o alcance dessa leitura: “Bakhtin decifra o que não pode nomear: o desmoronamento do sistema de representação” (KRISTEVA, 1985, p. 14), representação não no sentido de uma realidade material, mas de uma matriz de logos ocidental. Emerge dessa questão a ideia de que a escrita é uma cena, um espaço dramático no qual o eu explora sua relação com o sexo e com a língua fazendo do texto o espelho de uma travessia sem fim que demole a ideia de literatura como arte da representação pela palavra e provoca a sensação de que os textos de vanguarda são *ilegíveis*. Isso foi o que entreviu Bakhtin em Dostoiévski, mas não pôde, não soube ou não quis dizer (Kristeva à maneira de Lacan brinca com o termo *interdit* em duplo sentido: interdito e proibido). Por esse caminho, a Poética perde seu objeto de estudo, ou melhor, o objeto se apresenta como outro: “[...] pesquisa das regras segundo as quais se engendram o sentido e seu sujeito e que os textos limites de nosso tempo são os primeiros a produzir” (KRISTEVA, 1985, p. 17).

3. Linguagem e romance: uma lógica cultural

Aludimos inicialmente ao fato que um primeiro momento do trabalho interpretativo sobre Bakhtin é dado pelo ensaio de Kristeva “Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman”, publicado em abril de 1967 na revista *Critique* (cf. nota 2). Trata-se de um ensaio denso no qual Kristeva matiza, modifica e tensiona os conceitos a partir de sua leitura nas edições russas de 1963 e 1965, respectivamente, de dois livros chave nos quais Bakhtin trabalhou toda sua vida: *Problemas da poética de Dostoiévski* (1986 [1963]) e *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais* (1994 [1965]). A intenção kristeviana se expressa claramente como projeto semiótico que trabalha uma lógica do sentido no próprio espaço que abre a escritura no texto, entendendo escritura como *gramma* dinâmico e texto como uma prática específica da significância pela linguagem. Bakhtin oferece a oportunidade de rechaçar o modelo de uma estrutura abstrata e ontologizante por uma interação dinâmica e plurilíngue entre texto literário e texto social: “Introduzindo a noção de estatuto da palavra como unidade mínima da estrutura, Bakhtin situa o texto na história e na sociedade, como textos que o escritor lê e em que se insere,

reescrevendo-os. [...] A história e a moral se inscrevem e são lidas na infraestrutura dos textos” (KRISTEVA, 1981a, p. 188).

O que Bakhtin descobre, segundo Kristeva, mas não formaliza (e esse será o objeto de sua *semanálise*)¹³, são duas dimensões capitais do funcionamento material da palavra: a dialógica e a ambivalente, pelas quais o texto se executa como um sistema significante na interseção de uma sincronia – entre o sujeito da escritura e seu destinatário, seu outro social – e em uma diacronia – em direção a outros universos discursivos, próximos ou distantes. Por isso, fratura-se a linearidade histórica, que afetava a história literária tradicional, e surge um novo conceito de texto, um palimpsesto, uma zona de cruzamentos discursivos múltiplos:

Em Bakhtin, ademais, esses dois eixos que denomina respectivamente *diálogo* e *ambivalência*, não aparecem claramente diferenciados. Mas essa falta de rigor é mais um descobrimento que é Bakhtin o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade se instala a de *intertextualidade*, e a linguagem poética se lê, ao menos, como dupla (KRISTEVA, 1981a, p. 190, grifos da autora).

Com base nessa definição, Kristeva propõe a noção de *intertextualidade*, categoria em que percebo uma reorientação da terminologia bakhtiniana e, com ela, uma interpretação que se generalizaria com o tempo e, em minha opinião, se aparta epistemologicamente da posição de Bakhtin. Kristeva estava buscando estabelecer uma semiótica que superasse o imanentismo centrando-se na prática literária e fosse capaz de pensar o texto em sua materialidade histórica e ideológica como um trabalho com a língua que em seu paradigma laciano funciona sob outra lógica, na qual o sujeito é externo à linguagem, é um sujeito latente.

O texto assume o primeiro plano e adquire uma diferença, uma *significância* expressa como um fenômeno orgânico pela relação com outro texto social que se engendra na materialidade do real, uma sorte de isomorfismo (com o qual Kristeva está mais próxima da teoria de Lotman, com quem compartilha mais que uma afinidade). Nem cópia, nem imitação, tampouco substrato metafísico, o texto se constrói não como unificado, mas como multiplicidade das diferenças. Texto como jogo, como estratificação em camadas, como produtividade, como inscrição do desejo do sujeito, como *insistência* na língua que não é apenas uma gramática e uma sintaxe. Kristeva transforma assim o sutil conceito que Bakhtin havia atribuído ao *enunciado* como ato único – irrepetível, como acontecimento – diferenciando-o do *texto* como possibilidade do repetível não só na língua, mas

¹³ Para uma análise sintética da colocação teórica da *semanálise* de Kristeva, ver Barei (2001).

na reprodução material. Assim, reconhecendo que há *dois polos* nos textos, o reprodutível e o que a escuta atenta do analista descobre em sua virtualidade de acontecimento dentro da esfera discursiva na qual se produz¹⁴.

Enquanto Kristeva gira o conceito para a fratura do sujeito cartesiano e em direção ao que mais tarde Jameson chamaria *political unconscious*, Bakhtin havia orientado para uma ética da responsabilidade no bojo da qual o sujeito se vincula pela palavra ao universo dos valores e dá conta deles *com sua assinatura*. O texto em Kristeva se autonomiza de seu autor empírico, o objeto de estudo é a produção de significância na linguagem textual (Barthes escreve, em 1967, “A morte do autor”), enquanto na Rússia Stalinista a assinatura poderia conduzir à prisão ou à morte. Essas condições materiais de produção dos textos bakhtinianos criam uma assimetria e uma distância que Kristeva silencia em sua exegese.

Para Bakhtin, monologismo e dialogismo são atitudes do sujeito do enunciado que abre ou fecha o diafragma auditivo a outras vozes, a outras avaliações sociais, cede lugar em sua escuta e responde a partir de sua posição enunciativa e, desse modo, insere-se em uma cadeia dialógica incessante que é o motor da produção do sentido. No romance, a *consciência autoral* (ou criadora) é uma aduana semiótica ativa e produtiva que governa a arquitetura do conteúdo e da forma; não é um lugar nem pode ser identificado com o autor empírico, mas é inseparável de uma posição estética e de uma atitude valorativa (axiológica) que se manifestam no plano artístico como totalidade de sentido. No entanto, aponta Sarlo, em Kristeva,

[...] o texto literário se emancipa de seu processo social de produção, interiorizando-se sob a forma de produtividade textual; no mesmo caminho, a ideologia do texto se liberta do peso individual e social da ideologia do autor, para se fundir, prescindindo da mediação do autor como categoria interna-externa do texto, no fluxo discursivo das ideologias sociais. O texto literário é para Kristeva um *criador não criado*” (SARLO, 1983, p. 49, grifo da autora).

Kristeva recupera a importância da noção de dialogismo bakhtiniano e o projeto de superar um estruturalismo puramente linguístico por um translinguístico. Por isso, a autora afirma:

[...] o dialogismo bakhtiniano designa a escritura como subjetividade e como comunicatividade ou, dito de outro modo, como *intertextualidade*; frente a esse dialogismo, a noção de ‘pessoa-sujeito da escritura’ começa a se apagar para ceder lugar a outra, aquela da ‘ambivalência da escritura’” (KRISTEVA, 1981a, p. 195, grifo da autora).

¹⁴ Cf. Olmos, 2006.

O conceito capital de ambivalência permite a Kristeva sustentar sua perspectiva de linguagem poética (literária) como linguagem paragramática, linguagem situada no centro de toda experiência languageira. É a linguagem que abole a lógica dos opostos, do binarismo redutor do signo entendido como significante e significado em sua abstração científica. Essa linguagem dual resiste à unidade da perspectiva cientificista (sujeito-predicado, unidade indoeuropeia) para exibir uma lógica paragramática transgressora da unidade do contínuo (0-1) ao saltar a unidade monológica que é a Lei (deus-totalidade, centro, substância, imanência, razão) e propor o dialogismo como forma ambivalente em que se dá uma lei distinta e se expressa como linguagem carnavalizada, em sua forma mais pura e amparada historicamente.

Bakhtin ampliou a noção de dialogismo à história literária como princípio de toda subversão e de toda produtividade impugnatória a partir de um corte, de uma ruptura na literatura do século XX na qual o dialógico deixa de ser evidente a nível representativo para tornar-se interior à linguagem (Joyce, Proust, Kafka). Esse momento de ruptura é político, social, filosófico; Bakhtin, que vivia em uma sociedade em transformação, propõe uma teoria dinâmica capaz de dar conta desse corte na escritura.

No entanto, Kristeva trata da Lei em um sentido que Bakhtin alcança por caminhos menos explícitos e generalizadores: é deus, a épica, a definição, a causalidade, a racionalidade, o idêntico, o unificado. A transgressão da Lei, especialmente possível na linguagem da arte, implica também o psíquico, o que escapa ao controle consciente da linguagem, sua dualidade e ambivalência semelhante a “uma lógica do sonho” (KRISTEVA, 1981a, p. 198). No discurso kristeviano, parece ficar mais ou menos claro que, a despeito de a linguagem poética ser paragramatical, uma escritura na qual sempre se filtra o fantasma e a relação especular S-O, o romance será o gênero que faz da ambivalência uma característica estrutural. Em sua estrutura, a “escritura lê outra escritura, se lê a si mesma e se constrói em um gênero destrutivo” (KRISTEVA, 1981a, p. 207). E, por isso, distanciando-se de Bakhtin, aponta à desapareição do autor e seu desdobramento (destinador e destinatário, sujeito do enunciado e da enunciação): o autor “se transforma em um anonimato, uma ausência, um alvo, para permitir à estrutura existir como tal” (KRISTEVA, 1981a, p. 203), estrutura análoga àquela que está no psiquismo profundo da escritura e que “os psicanalistas encontram no discurso objeto da psicanálise” (KRISTEVA, 1981a, p. 204). Aqui se abre a brecha entre o acontecimento social da linguagem e a linguagem como infinidade potencial cuja produtividade responde a outra lógica: já não é o sujeito o responsável pela linguagem, mas se encontra atravessado pela linguagem.

Não é casual, portanto, que o termo *palavra (slovo)* bakhtiniano seja substituído por *escritura* em Kristeva, em uma passagem do ato personalizado do vínculo social eu-outro a um Outro radicalizado manifesto no texto e que

permite a reinterpretação dos modos discursivos genéricos: serão monológicos os discursos nos quais a dualidade é sufocada pela proibição e a censura (discurso histórico, da ciência, da épica); dialógicos serão aqueles em que no nível da estrutura se lê a tensão do engendramento do duplo, como a menipeia, o folclore carnavalesco, o romance polifônico, o teatro de Artaud, a narrativa de Sade, Kafka ou Bataille.

O que traz à luz o carnaval em uma lógica dual que não conhece causa, substância nem identidade? O “inconsciente que subjaz a essa estrutura: o sexo, a morte” (KRISTEVA, 1981a, p. 209). Sendo cenário e vida, discurso e espetáculo, não é estranho que tenha sido perseguido na cultura oficial do Ocidente e sobreviva nos jogos populares ou em formas pejorativas que ocultam “o aspecto *dramático* (homicida, cínico, revolucionário no sentido de uma *transformação dialética*) do carnaval em que insiste justamente Bakhtin e que se encontra na menipeia de Dostoiévski” (KRISTEVA, 1981a, p. 211, grifos da autora).

Recuperando a mais conhecida hipótese bakhtiniana sobre o diálogo socrático e a menipeia na gênese do romance polifônico, Kristeva analisa de que modo ambos os gêneros constituem uma palavra politicamente subversiva. Em um caso porque emancipa a palavra de sua função representativa fazendo-a medir-se com a morte no *limiar* de uma totalidade, de uma definição e na menipeia porque permite a audácia da invenção, a imaginação, o naturalismo macabro e a fantasmagoria; é a palavra dos lupanares, das prisões, das tavernas, das orgias, da loucura, é a mistura dos gêneros, é a exploração do corpo (JACKSON, 1986). A trama da menipeia transita entre um realismo representativo *pela* linguagem e uma experiência que se vive *na* linguagem como desterro.

O romance polifônico moderno que incorpora a tradição menipeia não é o romance realista (o romance da burguesia do séc. XIX), como não haveria de ser a literatura de Rabelais, Swift ou La Fontaine. Por isso, necessita ser estudada com um modelo analítico que responda a outra lógica de *engendramento* – que Kristeva insinua dentro da matemática e da teoria de conjuntos – e é uma das tarefas a ser abordadas pela semiótica. Tarefa que pareceria exceder o universo do discurso literário¹⁵, pois, na audaz hipótese de Kristeva: “o dialogismo, mais que binarismo, seria quiçá a base da estrutura intelectual de nossa época” (KRISTEVA, 1981a, p. 225). Por sua magnitude, poderia se transformar em uma nova ciência crítica do texto, como cenário produtivo de todo o isomorfismo estético e político, histórico e cultural. ●

¹⁵ Não é essa a opinião de Sarlo, que sustenta que o discurso crítico de Kristeva transforma a leitura de Bakhtin “em uma teoria em que se dissolvem os discursos sociais até que desapareçam quase por completo, canibalizados pela literatura” (SARLO, 1983, p. 51).

Referências

- ARÁN, Pampa Olga. Cómo Kristeva escuchó a Bajtín. In: FREIRE, Silka (ed.). *Más allá de los (pos)tulados*. La Plata: Ediciones al Margen, 2009. p. 26-43.
- ARÁN, Pampa Olga. Julia Kristeva, audaz lectora de Bajtín. In: ARÁN, Pampa Olga. *La herencia de Bajtín: reflexiones y migraciones*. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados, 2016. p. 17-33.
- BAREI, Silvia. El legado bajtiniano. Texto-intertextualidad/Discurso-interdiscursividad. In: BAREI, Silvia. *Recorridos teóricos: Texto-Discurso*. Córdoba: Epoké, 2001. p. 13-21.
- BAJTIN, Mijail M. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores y otros escritos. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos, 1997. p. 181-224.
- BAJTÍN, Mijail. Hacia una metodología de las ciencias humanas. In: BAJTÍN, Mijail. *Estética de la creación verbal*. Trad. Tatiana Bubnova. México: Siglo XXI, 1982 [1974]. p. 381-396.
- BAJTÍN, Mijail. *Problemas de la poética de Dostoievski*. Trad. Tatiana Bubnova. México: Fondo de Cultura Económica, 1986 [1963].
- BAJTÍN, Mijail. *La cultura popular en la Edad Media y en el Renacimiento*. El contexto de François Rabelais. Trad. Julio Boreat e César Conroy. Buenos Aires: Editorial Alianza, 1994 [1965].
- BARTHES, Roland. La mort de l'auteur. In: BARTHES, Roland. *Le Bruissement de la Langue*. Paris: Seuil, 1984 [1967]. p. 61-69.
- BORIA, Adriana. Sujeto. In: ARÁN, Pampa. (dir. e coord.). *Nuevo Diccionario de la teoría de Mijail Bajtín*. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006. p. 256-260.
- FREIRE, Silka (ed.). *Más allá de los (pos)tulados*. La Plata: Ediciones al Margen, 2009. p. 26-43.
- JACKSON, Rosemary. *Fantasy*. Literatura y subversión. Buenos Aires: Catálogo Editorial, 1986.
- KRISTEVA, Julia. *Séméiotikè. Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.
- KRISTEVA, Julia. *Traversée des signes*. Paris: Seuil, 1975.
- KRISTEVA, Julia. *Pouvoirs de l'horreur*. Paris: Points, 1980.
- KRISTEVA, Julia. La palabra, el diálogo y la novela. In: KRISTEVA, Julia. *Semiótica I*. Trad. José Martín Arancibia. Madrid: Fundamentos, 1981a [1967]. p. 187-226.
- KRISTEVA, Julia. *Le langage cet inconnu*. Paris: Éditions Points, 1981b.
- KRISTEVA, Julia. *Histoire d'amour*. Paris: Denoël, 1983.
- KRISTEVA, Julia. Una poética malograda. Prólogo. In: BAJTÍN, Mijail. *La poética de Dostoievski*. Edición facsimilar, Cátedra Análisis y crítica II. Serie Traducciones Nº 1. Trad. Gloria Marrocco e Analía Montes. Argentina: Escuela de Letras, Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario, 1985 [1970]. p. 1-7.
- KRISTEVA, Julia. *Au commencement était l'amour*. Paris: Hachette, 1988a.
- KRISTEVA, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard, 1988b.

- KRISTEVA, Julia. *Soleil noir*. Paris: Gallimard Education, 1989.
- KRISTEVA, Julia. *Les Samourais*. Paris: Gallimard Education, 1990.
- KRISTEVA, Julia. *Les Nouvelles Maladies de l'âme*. Paris: Fayard, 1993.
- KRISTEVA, Julia. *Le Temps sensible*. Paris: Gallimard Education, 1994.
- KRISTEVA, Julia. *La Révolte intime*. Paris: Fayard, 1997.
- KRISTEVA, Julia. *Visions capitales*. Paris: Reunion des musées nationaux, 1998.
- KRISTEVA, Julia. *Le génie féminin*. Paris: Fayard, 1999.
- PONZIO, Augusto. El humanismo del otro hombre en Bajtín y Levinas. In: ALVARADO, Ramón; ZAVALA, Lauro (org.). *Diálogos y fronteras*. El pensamiento de Bajtín en el mundo contemporáneo. México: UAM-Xochimilco/BUAP, 1993. p. 315-330.
- OLMOS, Candelaria de. Enunciado e Texto. In: ARÁN, Pampa (dir. e coord.). *Nuevo Diccionario de la teoría de Mijaíl Bajtín*. Córdoba: Ferreyra Editor, 2006. p. 260-263.
- SARLO, Beatriz. La lectura kristeviana de Bachtin. In: ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, Beatriz. *Literatura/Sociedad*. Buenos Aires: Hachette, 1983. p. 46-51.
- VERÓN, Eliseo. *La semiosis social*. Barcelona: Gedisa, 1998.
- VOLOSHINOV, Valentin Nikoláievitch. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Madrid: Editorial Alianza, 1992 [1929]. p. 73-94.
- VOLOSHINOV, Valentin Nikoláievitch. *Freudismo: un bosquejo crítico*. Buenos Aires: Paidós, 1999 [1927].
- ZAVALA, Iris. *Bajtín y sus apócrifos*. Barcelona: Anthropos; San Juan: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1996.

Julia Kristeva, audacious reader of Bakhtin

 ARÁN, Pampa Olga

 SOUZA, Nathan Bastos de (translated by)

Abstract: In the 1960s, the reading of Kristeva allowed not only the introduction of Bakhtin in the West, but a productive appropriation that must be seen as a point of articulation of new and accelerated configurations of European thought in the second half of the 20th century. The objective of this work is to understand why Kristeva recovers Bakhtin as the founding text of a semiotic project and how a design of a new object of study for literature is produced. First, we deal with a prologue she wrote to the French translation *La poétique de Dostoïevski*, in which she criticizes Russian formalism and, by extension, the radicalized forms of literary structuralism of her time. In a second moment, a Kristevian essay on the novel is analyzed, in which Bakhtin's reading is clearly expressed as the basis for founding a semiotic project, her proposal for semanalysis.

Keywords: Kristeva; semanalysis; migrations of bakhtinian thought.

Como citar este artigo

ARÁN, Pampa Olga. Julia Kristeva, leitora audaciosa de Bakhtin. Tradução de Nathan Bastos de Souza. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, n. 1. São Paulo, abril de 2023. p. 194-207. Disponível em: <www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

ARÁN, Pampa Olga. Julia Kristeva, leitora audaciosa de Bakhtin. Translated by Nathan Bastos de Souza. *Estudos Semióticos* [online], vol. 19, issue 1. São Paulo, April 2023. p. 194-207. Retrieved from: www.revistas.usp.br/esse. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 01/11/2022.

Data de aprovação do artigo: 08/02/2023.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

